

Uma História de Amor e Fúria¹



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iM7WenzB-yM>

Sobre o filme:

Na animação dirigida por Luiz Bolognesi, há uma história de amor entre um herói imortal e Janaína, a mulher por quem é apaixonado há 600 anos. O herói assume vários personagens, mas seu espírito de luta permanece o mesmo, especialmente porque seu amor o alimenta.

O filme conta 4 episódios de momentos diferentes da História do Brasil, contados a partir do ponto de vista dos vencidos. Três deles são reais: a guerra entre Tupiniquins e Tupinambás, no início da colonização portuguesa, em 1565; a revolta ocorrida no Maranhão, conhecida como Balaiada, em 1825 e a guerrilha urbana, no período da ditadura militar, em 1968. O quarto episódio é uma projeção do futuro, em 2096.

Com base na mitologia indígena, o herói foi escolhido para ser imortal e lutar eternamente contra Anhangá – o signo da morte e da destruição. Janaína morre e renasce em cada episódio. O filme mostra a violência que se tornou intrínseca na sociedade brasileira, mas também o amor que mantém acesa a chama da luta política e o desejo de transformação.

Ficha Técnica

Gênero: Animação/Aventura

Argumento e Direção: Luiz Bolognesi

Empresa produtora: Buriti Filmes e Gullane

Produção: Fabiano Gullane, Caio Gullane, Luiz Bolognesi, Laís Bodanzky, Marcos Barreto, Debora Ivanov e Gabriel Lacerda

Distribuidora: Europa Filmes

Direção de Arte: Anna Caiado

Supervisão de Produção: Daniel Grecco

Montagem: Helena Maura

¹ Material ampliado do plano pedagógico produzido para a equipe de produção do filme *Uma História de Amor e Fúria*.

Trilha sonora original: Rica Amabis, Tejo Damasceno e Pupillo

Desenho de Som e Mixagem: Alessandro Laroca, Eduardo Virmond e Armando Torres Jr.

Produção Executiva: Caio Gullane, Fabiano Gullane e Sônia Hamburger

Coprodução Executiva: Marcos Barreto e Renata Galvão

Elenco (vozes):

Selton Mello (Abeguar, Manoel Balaio, Cao e João Cândido)

Camila Pitanga (Janaína)

Rodrigo Santoro (Cacique Piatã e Júnior)

País e ano de produção: Brasil/2007

Duração: 80 min

Classificação Indicativa: 12 anos

Temas: linguagem da animação; panorama histórico do Brasil (épocas: 1565, 1825, 1968); relações de gênero.

Temas que podem gerar debates e atividades

Sobre a Linguagem da Animação



O roteirista e diretor Luiz Bolognesi uniu, neste filme, duas de suas paixões: história em quadrinhos e História do Brasil. Sua inspiração veio de gibis adultos, de autores como Frank Miller, Moebius e em animações como a canadense “Heavy Metal”, de 1981.

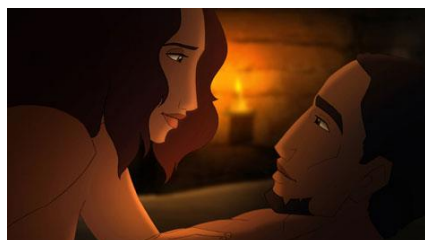
Por um lado, a animação é muito demorada para ser feita (neste caso, 6 anos para sua realização), mas é uma opção muito mais viável, em termos financeiros, especialmente por falar de História. As produções de filmes de época e de ficção científica são muito caras. Para construir esses cenários e personagens, a animação exige pesquisa, tempo, uma grande equipe técnica e criatividade.

O longa-metragem foi realizado com técnicas de animação clássica: os personagens foram desenhados e animados com lápis sobre papel, a partir das emoções oferecidas pela atuação dos atores. Selton Mello, Camila Pitanga e Rodrigo Santoro interpretaram o texto em estúdio e posteriormente a equipe do longa utilizou a gravação como referência para seu trabalho, uma técnica que permite resultados mais sutis e expressivos, valorizando o potencial do elenco e dos animadores.

A trilha sonora é híbrida, com temas que mesclam ritmos regionais e das épocas de cada episódio com elementos eletrônicos. Foram usados sons de diferentes instrumentos, que

foram processados em estúdio pelo coletivo Instituto, criado por Rica Amabis, Tejo Damasceno e Daniel Ganja Man.

Segundo a diretora de arte Anna Caiado, as cores e a textura de cada episódio seguiram o clima dos personagens e do contexto. Nos quatro episódios, ela se valeu dos quatro elementos da natureza (ar, fogo, terra e água) e das quatro estações do ano. No primeiro episódio, é o ar que predomina, transmitindo leveza e a naturalidade das primeiras descobertas (Abeguar e Janaína flutuam no ar). As cores são muito vivas e a estação é a primavera, porque os nossos heróis ainda são ingênuos, de certa forma, não sabem ainda a odisséia que os aguarda. No segundo episódio, predomina o fogo, a ardência do sol nas plantações de algodão, contrastando a beleza das paisagens com a crueldade da escravidão. É o verão que chega, amadurecendo os personagens, com predominância do amarelo e do vermelho. No terceiro momento, as cenas urbanas se fecham na tristeza da guerrilha urbana na ditadura militar. Estamos no outono, com cores mais frias e o elemento é a terra. No derradeiro episódio, a água é o elemento central, o tom azul é de desesperança, lembrando o inverno.



Um panorama histórico do Brasil

O filme traz um rápido panorama da História do Brasil com foco na violência que sempre permeou as relações de trabalho, de gênero, de poder político, resultando em um cotidiano de violência. O ensino formal, por meio dos livros didáticos e de uma linguagem amena, contribuiu para a cristalização da ideia de que o povo brasileiro é pacífico, cordial, alegre e não-racista. Os índios e os negros aparecem nessas edições quase sempre em imagens de humilhação, passividade, nunca de resistência.

É fácil conferir as estátuas, monumentos, nomes de rua e condecorações. Os “heróis” foram oficializados em nossa historiografia por uma elite econômica e política. Ainda que esse discurso esteja mudando, a animação *Uma História de Amor e Fúria* nos mostra o quanto a desigualdade social e a violência foram naturalizadas em séculos de História.

É interessante notar que os protagonistas são guerreiros, mas com contradições, dilemas e revelam cansaço pelo fato da luta parecer infinita. Evitou-se o maniqueísmo, de forma que os heróis sejam de carne e osso, imperfeitos, o que deve gerar intenso debate com os alunos. A obra é aberta e a polêmica é necessária para que os alunos percebam a complexidade da História.

Embora História seja o campo de estudo que mais dialoga com o filme, as questões essenciais – a violência, o preconceito, a participação política, o conceito de cidadania – são temas que atravessam toda a produção do conhecimento. É perfeitamente possível e recomendável um projeto interdisciplinar com o filme.

Rio de Janeiro: 1565 - Guerra entre índios

É significativo que o primeiro episódio seja sobre a guerra entre tupiniquins e tupinambás, guerra fomentada pelos europeus. A dominação predatória dos portugueses se impôs a partir de massacres, dizimação de milhões de indígenas. O filme mostra índios canibais guerreando entre si, disputa de poder dentro de uma mesma tribo, quebrando uma visão idílica comumente difundida nos livros didáticos e no romantismo.

O grande antagonista é Anhangá, uma espécie de Deus indígena, o senhor dos mortos. As lendas dizem que ele vive em uma lagoa com cobras e sapos e à noite sai em busca de pessoas de alma fraca e as seduz para a morte. O apelido do bandeirante Anhanguera – figura até hoje tão presente em nosso cotidiano com estátuas, nomes de praças, estradas e de instituições – tem origem nessa temida entidade das sombras. Anhangá é representado como o opressor em todas as fases da História do Brasil.

Abeguar é um índio que recebe de Munhã a atribuição de não morrer e continuar lutando eternamente contra Anhangá. Apaixonado por Janaína, ele a vê morrer e também deseja a morte. Quando ele é assassinado, transforma-se em um pássaro. A narrativa foi construída com base em algumas lendas da mitologia tupi-guarani, em que existe a crença de que os espíritos de índios assumem o corpo de animais.

Maranhão: 1825 - Guerra contra a exploração dos trabalhadores da terra

O herói que se transformou em pássaro voa até o Maranhão, no período que antecede a guerra entre latifundiários e trabalhadores rurais. O herói que era índio passa a ser o negro Manuel Balaio, líder da Balaiada. O período regencial foi marcado por revoltas espalhadas pelo país. O enfoque desse período nos livros didáticos costuma ser para os arranjos políticos entre o 1º e o 2º império. As revoltas são rápidos tópicos na historiografia. Quase não se fala sobre os milhares de trabalhadores – homens, mulheres e crianças, quase todos negros e escravos – mortos covardemente. O estupro de mulheres e crianças era uma constante. O termo “guerra civil” raramente é usado nos livros, possivelmente para amenizar a dimensão da resistência política dos oprimidos, reforçando a ideia de passividade do povo.



A rebelião na cidade de Caxias (MA) toma proporções inesperadas e é chamado o coronel Luís Alves de Lima e Silva, para a “pacificação”. O massacre que ele comanda deu-lhe o prêmio do título de Barão e, posteriormente, Duque de Caxias, tornando-se também o patrono do exército brasileiro. Será que há estátuas ou praças homenageando Manuel Balaio?

A marca de 300 anos de escravidão é evidente até hoje em nossa sociedade. Em uma rápida pesquisa pelos programas televisivos (incluindo novelas), é fácil perceber a desproporção com que os negros são representados em relação à sua presença na sociedade.

Rio de Janeiro: 1968 - Guerrilha Urbana



O terceiro episódio é bastante complexo porque o herói se transforma em Cao, que reencontra sua amada Janaína em um grupo de guerrilha urbana, que assalta bancos para financiar a luta contra a ditadura militar. É possível, aqui, fazer um link com o movimento de resistência à ditadura que surgiu no Brasil nessa época. A ex-presidente Dilma Rousseff, por exemplo, fez parte de um grupo de luta armada nesse período,

tendo sido presa e torturada. Anos depois, tornou-se ministra e foi eleita presidente do país. A militância de Dilma Rousseff neste período e as razões pelas quais se engajou na luta armada foram temas muito deturpados por seus opositores, que usaram informações falsas, sem contextualização, como um ingrediente a mais para o seu afastamento, no golpe impetrado na democracia brasileira em 2016. Vê-se claramente como a História recente do Brasil é pouquíssimo conhecida entre as crianças e jovens. “Viver sem conhecer o passado é viver no escuro”. O filme traz possibilidades de se conhecer a História da guerrilha urbana, de vários grupos armados, que lutaram contra a ditadura civil militar que governou o Brasil, por 21 anos, entre 1964 e 1985. Em 2018, foi eleito um presidente da república que enaltece esse período e seus torturadores. Muito importante que as escolas promovam debates esclarecedores sobre fatos históricos, tentando retirar as polarizações emocionadas e preconceituosas que têm envolvido os debates no Brasil.

Esse episódio traz uma oportunidade não apenas de conhecer esse período ainda tão nebuloso da História, mas de humanizar os envolvidos. Há uma situação difícil, em que o herói, para impedir que sua amada seja torturada, entrega o seu grupo aos torturadores. São dilemas que raramente são problematizados, porque os presos – que não foram poucos – viveram situações de violência que ultrapassam os limites da dignidade. Por que será que até hoje nas delegacias e prisões existe a tradição maldita das torturas e do ferimento aos mais elementares direitos humanos?

Uma boa pesquisa entre os alunos sobre o período ditatorial – por meio de arquivos históricos, filmes, músicas, peças de teatro – pode trazer a discussão sobre os resquícios de autoritarismo e violência, até hoje presentes na sociedade.

Rio de Janeiro: 2096 - Cenário de Horror?

O último episódio – de ficção científica – projeta um Brasil desesperador. A água potável é escassa e controlada por um monopólio. A violência e o controle são extremos e o herói, desta vez, assume o corpo do jornalista João Cândido (nome do líder da revolta da Chibata) que se

sente desmotivado para continuar lutando. Janaína é uma prostituta de luxo que está engajada na luta revolucionária.

Um episódio de ficção científica, interligado aos outros, pode provocar a reflexão sobre o que fazer para evitar essa situação catastrófica. Os pilares da violência e da desigualdade, se não forem enfrentados no presente, só poderão levar a cenários de horror no futuro.

Olhar transversal: relações de gênero

São dois os protagonistas. O homem nunca morre e está “condenado” a lutar, enquanto houver morte e destruição. Ele se transforma em homens guerreiros de vários matizes: muda de nome, de cor, de contexto. Sua energia para renascer e lutar vem do seu amor por Janaína. É doloroso para ele ter sido escolhido por Munhã e ter a missão da luta infinda. Ele não escolheu ser herói. Sente-se cansado e deseja um futuro de paz e igualdade.

Janaína morre e renasce sempre. É possível perceber seu amadurecimento ao longo do filme, representando as transformações da condição da mulher na sociedade. No período colonial, Janaína é despojada e ingênua; depois se torna mãe e a dor a mobiliza para a luta; na fase da ditadura militar, ela está ao lado dos homens e é uma grande atiradora; no último episódio, ela comanda a ação revolucionária.

Nossos heróis são de carne e osso. Romance e luta política não estão dissociados. Muito pelo contrário! É preciso olhar para o passado e compreender não apenas a tradição da violência, mas os movimentos de resistência. Uma história de amor e fúria que precisa ser transformada!

Para organizar seu trabalho e saber mais:

- O diretor e roteirista Luiz Bolognesi escreveu, em parceria com o historiador Pedro Puntoni, o livro paradigmático *Meus Heróis não viraram estátua*, uma obra complementar ao filme *Uma História de Amor e Fúria*. No livro da Editora Ática (2013), é problematizada a construção de um discurso histórico que cristaliza a versão dominante das elites e dos vencedores.
- No mesmo livro, há um encarte com o DVD do documentário *Lutas.doc*. Realizado por Luiz Bolognesi e Daniel Augusto, veiculado para a TV Brasil, o documentário tem ritmo dinâmico, intercalando entrevistas de pensadores brasileiros – personalidades expressivas da educação, cultura e política – com trechos de filmes e da animação *Uma História de Amor e Fúria*.
- Mais informações sobre a animação e interatividade com a produção podem ser obtidas nas páginas
<https://www.facebook.com/umahistoriadeamorefuria>
<https://twitter.com/AmorFuria>
<http://www.youtube.com/user/AmoreFuriaofilme>

Proposta elaborada pela **Profª Drª Cláudia Mogadouro**